

## **O BULLYING COMO PROBLEMA SOCIAL INSERIDO NO AMBIENTE ESCOLAR<sup>1</sup>**

Nathalia Maria de Sousa Feitosa  
*Graduanda em Pedagogia/ Bolsista PIBID*  
*nathaliafeitosasjp@gmail.com*  
*Universidade Federal de Campina Grande*

Idarlene dos Santos Melo  
*Graduanda em Pedagogia*  
*idarlenedossantosmello@gmail.com*  
*Universidade Federal de Campina Grande*

Raimunda de Fátima Neves Coêlho  
*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> em Medicina e Saúde – UFBA*  
*raimunda.neves6@gmail.com*  
*Universidade Federal de Campina Grande*

### **RESUMO**

Nesse estudo compreendemos o Bullying como um tipo de violência escolar e apresentamos suas consequências no processo educativo e vida do sujeito. Contextualizamos uma experiência dos plantões pedagógicos do PIBID/2016 a partir de uma análise de casos vivenciados, ancorada nas Leis Nº 13.185/2015, Lei Nº 8.069/1990 e nas contribuições dos teóricos Fletcher, Fletcher e Wagner (1996). Destarte, o estudo revelou que os casos observados e analisados no PIBID evidenciaram manifestações do tipo: transtornos emocionais que conduziram ao bloqueio de aprendizagem e, conseqüentemente, a evasão escolar. Dessa forma, o estudo contribuiu para um repensar das práticas educativas, no sentido de termos uma ação mais efetiva que se contraponha a presença de atitudes e valores de caráter intencional e pejorativo, na dinâmica do processo educativo escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ambiente escolar. Violência escolar. Bullying.

### **INTRODUÇÃO**

O sujeito é constituído por diversas características, sejam elas psíquicas, cognitivas, sociais, motoras, em outras palavras, que o constituem como ser humano que pensa e age. Ao nascermos e crescermos, somos cercados de diversas manifestações de atitudes e comportamentos que nos influenciam enquanto seres integrantes do espaço.

Dessa forma, expressamos nossas opiniões acerca de discursos ideológicos que assimilamos no espaço que nos encontramos em todo percurso do desenvolvimento humano. O modo como entendemos o mundo, as situações nele encontradas e a maneira como designamos

---

<sup>1</sup> O referido trabalho originou-se da vivência de uma das autoras no PIBID/2016, discussões e produção textual de componente curricular, no curso de Pedagogia/UFCG – campus de Cajazeiras/PB – sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raimunda de Fátima Neves Coêlho.

ideias e julgamentos pré-concebidos, é caracterizado pela manifestação do senso comum introjetado em nós culturalmente.

Pensando nisso, a instituição, que na perspectiva sociológica denominamos Educação (GIDDENS, 2005), tem a responsabilidade de orientar os cidadãos que nela estão inseridos, propiciando um olhar crítico, compreendendo os comportamentos e valores que permeiam a sociedade, bem como assimilar a forma como esse contexto interfere na vida do sujeito.

Considerando a escola como espaço de educação formal e tratando das diversas interações afetivas e sociais existentes entre os estudantes, o estudo em questão nasceu de vivências observadas nos plantões pedagógicos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/2016, do subprojeto de Pedagogia, Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Ao referirmos sobre as experiências vivenciadas no PIBID, consideramos ser relevante apresentarmos esse trabalho, que do ponto de vista metodológico consiste num *relato de caso*, definido por Fletcher, Fletcher e Wagner (1996, p.217) como “[...] descrições narrativas de um só caso ou de um punhado de casos (relatos de caso), [ou] análises quantitativas de grupos maiores (séries de casos) ou então as comparações de grupos de casos [...]”.

Dessa forma, buscamos compreender o bullying como um tipo de violência escolar e consequências no processo educativo. Para tanto, conceituamos o bullying e apresentamos suas diversas formas de manifestação e possíveis consequências. Nessa direção, a análise dessa experiência contribuiu para discussões entre corpo docente e comunidade escolar, como forma de iniciar na própria escola um processo educativo e inclusivo.

## **BULLYING – AGRESSÃO VERSUS SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR**

O Bullying consiste em comportamentos que estão intrinsecamente voltados à prática da violência, sendo esse, um fenômeno comumente encontrado em vários lugares do mundo nos espaços escolares. Uma pesquisa realizada em 2008 pela Organização não governamental Internacional Plan, apontou que entre os doze mil estudantes brasileiros que participaram da pesquisa, 70 % (setenta por cento) afirmaram ser vítimas de violência na escola. Desse total, 84% (oitenta e quatro por cento) consideraram suas escolas como violentas (GUIA INFANTIL, 2009).

Considerando o Bullying como violência escolar, Silva (2010) apud Vieira (2016, p. 84) afirma que “corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica de caráter

intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas [...] impossibilitadas de se defender”. Em acordo a essa ideia Oliveira et al. (2015, p. 2) define como

[...] uma forma específica de comportamento agressivo e violento no contexto escolar, entre pares. Sendo caracterizado a partir de três critérios: intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder. Em face à ênfase desta definição, são considerados atos de *bullying* escolar o desejo de agredir colegas ou os expor a situações negativas, que repetem-se ao longo do tempo e geram dificuldade de defesa dos alunos expostos a tais ações.

Esse fenômeno pode ser desencadeado na escola por meio de agressões físicas e verbais como: apelidar, caçoar, empurrar, bater, difamar, constranger, entre outros. Geralmente acontecem entre crianças e adolescentes caracterizados como não inseridos na normatização de beleza ou de vivência (gordos, magros, baixos, altos, albinos, negros, pobres, nerds, crianças com dificuldades de aprendizagem, deficientes físicos) determinados pela mídia, bem como aquelas que apresentam comportamentos isolados em sala de aula.

O grande desafio das escolas diante do Bullying é a elaboração de projetos e desenvolvimento de Programas que propiciem aos estudantes a não reprodução de determinados comportamentos que resultam em agressão ao outro, sendo que, na maioria das vezes, as vítimas da violência escolar são silenciadas pela vergonha e pelo medo.

Em vista disso, queremos explicar algumas situações vivenciadas no PIBID/2016. A primeira delas, com um estudante do 5º ano na realização de uma atividade de produção textual. Na atribuição de cinco palavras para a construção de um texto de dez linhas, entre elas o verbete *menino*, este relatou a sua vivência como vítima do bullying na escola, e o quanto ficou triste com o que lhe aconteceu, bem como o fato de a professora regente de sala não ter o conhecimento da violência que sofreu.

O estudante elaborou seu texto em 3ª pessoa do singular, e ao lermos a sua produção, foi extremamente clara que tratou de sua própria experiência, enquanto sujeito que sofre com a violência escolar. A segunda, com uma criança de uma escola localizada na periferia da cidade de Cajazeiras – PB, que sofreu agressão verbal pelos colegas por apresentar um comportamento isolado. A atitude dos colegas com expressões pejorativas foram tão agravantes ao ponto de a criança não suportar mais o ambiente escolar, evadindo da escola.

Podemos então pensar: quais seriam as consequências dessas ações? No primeiro caso analisado, o estudante começou a apresentar sérias dificuldades de aprendizagem, como leitura, concentração e participação nas aulas. No segundo caso, a criança passou a apresentar transtornos

emocionais como medo de frequentar a escola, problemas de sono, taquicardia, sudorese, entre outros.

Esses quadros retratam situações específicas em sala de aula, assim como os casos noticiados na mídia, a exemplo, do Massacre do Realengo – RJ, em 2011, onde o resultado da violência que a vítima sofreu foi à necessidade da vingança no espaço escolar, após vários anos do ocorrido. Um outro, o caso de Lamar Hawkins, em 2014, na Flórida, que cometeu suicídio porque não conseguiu enfrentar o bullying sofrido na escola, entre outros, em que as consequências tornaram-se mais graves.

Pensando nas ocorrências acima, os Fóruns de Educação, Congressos, assembleias docentes promoveram discussões pensando em viabilizar Políticas Públicas que normatizassem ações combatentes do Bullying. A Lei Nº 13.185/2015 preconiza o Bullying como um ato de violência, atribui ato infracional, crime e contravenção ao agressor (*bully*). A implementação desta lei viabiliza à promoção de qualidade de vida, direito individual da criança e adolescente preconizado na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Nº 8.069/1990 e atualmente, na lei do Bullying.

Nesse sentido, é relevante à prática docente a discussão constante sobre os mais diversos tipos de agressão ocorridos no espaço escolar, de modo a propiciar aos estudantes à reflexão e a mudança de determinados comportamentos atribuídos como atos infracionais. A escola como ambiente que propicia aos sujeitos a possibilidade de inserção social e progresso nos estudos posteriores, precisa pensar práticas e projetos a serem implementados, viabilizando a garantia dos direitos concernentes aos sujeitos em estudo – crianças e adolescentes – de modo a romper com a prática de violência tão comum no contexto escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões acerca da violência escolar apresentaram a gravidade de um problema, que embora seja aparentemente simples, possui relevância no tocante as consequências sofridas pelas vítimas de tais agressões.

As crianças e adolescentes inseridos na escola – agressores, vítimas e testemunhas do Bullying – acabam retraindo-se ante as situações conflituosas e constrangedoras. Além disso, as formas de agressão podem provocar consequências mais graves às vítimas do tipo: transtornos emocionais, evasão escolar e até homicídios, suicídios.

Considerado como um problema de ordem mundial cabe a nós enquanto pensantes da Educação discutirmos práticas e ações fundadas nas bases legais e documentos disponibilizados pelo Ministério da Educação e Cultura e das Secretarias do Estado, bem como nas discussões referendadas em Fóruns e Conferências Nacionais e Internacionais. Logo, por ser um problema de ordem social, nós profissionais da educação precisamos pensar e materializar uma ação pedagógica, capaz de assessorar as vítimas e trabalhar na transformação de atitudes dos agressores.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei n. [8.069](#) de 13 de julho de 1990. [Estatuto da Criança e do Adolescente](#).

BRASIL, Lei n. [13.185](#) de 6 de novembro de 2015. [Lei do Bullying](#).

FLETCHER, Robert H.; FLETCHER, Suzanne W.; WAGNER, Edward H. **Epidemiologia clínica: elementos essenciais**. Trad. Bruce B. Ducan, Maria Inês Schmidt. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina. 6ªed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIA INFANTIL. Violência escolar ou Bullying. **Revista Guia Infantil**. 2009. Disponível em: <http://br.guiainfantil.com/violencia-escolar/51-violencia-escolar-ou-bullying.html> Acesso em: 02 de agosto de 2016.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. (et.al.) Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Latino-Americano de Enfermagem**, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt\\_0104-1169-rlae-0022-2552.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt_0104-1169-rlae-0022-2552.pdf) Acesso em: 2 de agosto de 2016.

VIEIRA, Maria Ednilsa da Silva Seixas. Desafios para o enfrentamento do Bullying na Gestão da Escola Pública. In: LOPES, Wiama de Jesus Freitas; SOUSA, Nadiel Cavalcante de. (orgs.). **Gestão escolar no percurso formativo: da docência à organização do trabalho pedagógico**. Fortaleza: Imprece, 2016, p. 79-105